

Reflexões *in verso*

romance II (*medo*)

Afonso Dias

é o sábio desconforto
a habitar a honestidade
que nos dá a conhecer
as gerberas que florescem
naquele minuto preciso
que arde em deslumbramento
e abre as janelas do espanto
onde esvoaça a verdade

não há areia que enrede
os pés que fazem caminho
nem lama que não se faça
calçada a mais portuguesa
quando a vontade de andar
prensa o cascalho mais rude
e não assoma a virtude
na lágrima impertinente
que puxa pelas arrecuas

o medo essa mula velha
é uma companhia brava
de tão translúcidas manhas
que 'inda a ver-se através dela
e da névoa que a estrutura
só parede se vislumbra
de rocha negra e tão dura
que escopro algum a melindra
tão fera é e medonha

no cerne do pesadelo
o coração da peçonha

afinal passada a nuvem
fenece a sombra e a luz
floresce no pensamento

e o pavor que no tempo
de facas e armadilhas
erguia torpes muralhas
desfia por fim as teias
e toca rijas cornetas
no baile da novidade

e hologramas de pedra
seguem a aragem do vento
e as gerberas florescem
à vontade